

Famílias querem que escola lembre guerrilha

Objetivo é incorporar os fatos ocorridos nos anos 70 ao currículo de História do 1º e 2º graus

CLAUDIO RENATO

Enviado especial

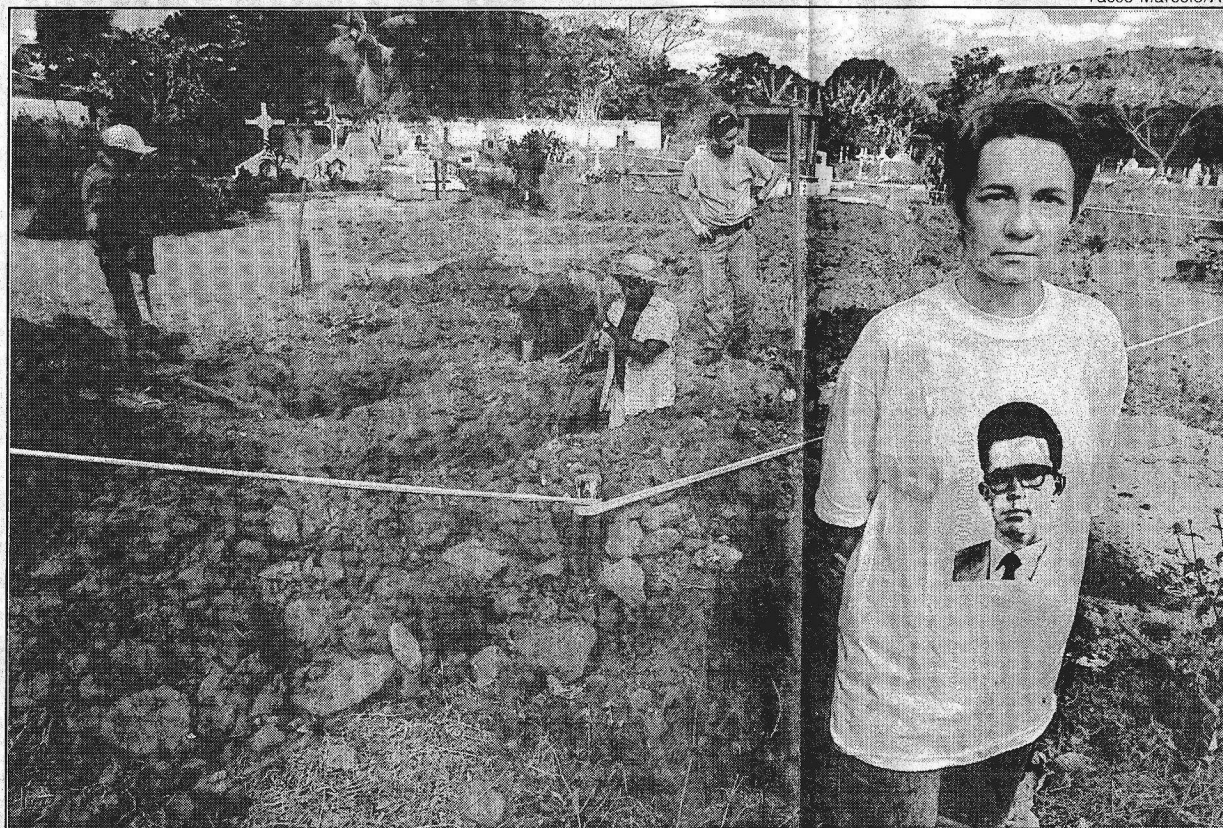
XAMBIOÁ — Assim que retornarem da região do Araguaia — uma faixa de 6.500 quilômetros quadrados compreendida entre Marabá, no Pará, e Xambioá, no Tocantins — familiares de desaparecidos políticos pretendem procurar o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. Eles querem que a guerrilha seja tema obrigatório nos currículos escolares de História para o 1º e 2º graus.

Os familiares encontram-se na região há semanas. Procuram os restos dos mortos e, ao mesmo tempo, tentam reconstituir os acontecimentos que envolveram a guerrilha.

Suzana Lisboa, representante oficial do grupo na Comissão de Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça, gostaria que não só a guerrilha, mas todos os movimentos de resistência ao regime militar fossem temas obrigatórios nos currículos escolares.

Desfile — Suzana é viúva de Luiz Eurico Tejera Lisboa, militante da guerrilha urbana, morto pela repressão e cujo corpo foi identificado no Cemitério de Perus, em São Paulo. Segundo suas informações, já existem experiências bem-sucedidas em termos de currículo escolar. A primeira delas teria ocorrido em Criciúma, Santa Catarina. “Naquela cidade, centenas de crianças, no dia 7 de setembro, desfilam, vestidas de preto, com retratos dos mortos e desaparecidos políticos”, conta Suzana.

Sônia Haas, irmã do guerrilheiro



Sônia Haas, irmã de João Carlos, no Araguaia: tentativa de reconstituir a guerrilha na região

ro do Partido Comunista do Brasil (PC do B) João Carlos Haas Sobrinho, conhecido no Araguaia como *Doutor Juca*, também aprova a idéia. Depois de ter encontrado a ossada que acredita ser do seu irmão, Sônia está gravando depoimentos de moradores.

Em suas pesquisas, ela encontrou uma ex-namorada do irmão no Araguaia e até descobriu uma fazenda em Xambioá que teria servido de acampamento para as forças anti-guerrilha na cidade, formadas por 5 mil homens das Forças Armadas. “Quero regis-

trar isso em livro”, diz.

A jornalista Édila Pires, representante do Grupo Tortura Nunca Mais na expedição ao Araguaia, lembra que documentos existentes sobre a guerrilha, como o relatório deixado por um dos comandantes da campanha, Ângelo Arroyos, até agora tiveram alcance restrito. “São conhecidos principalmente por fami-

liares, militantes e ex-militantes do PC do B”, diz ela. “Queremos que a história seja contada para milhões de brasileiros.”

A ex-guerrilheira Criméia de Al-

meida, viúva de André Gabrois, morto no Araguaia há 20 anos, também prepara um relatório sobre a guerrilha.

Amigos — A irmã do guerrilheiro Divino de Souza, a funcionária pública Terezinha de Souza Amorim, deixou Goiânia rumo ao Araguaia faz três semanas. Em Marabá, no sul do Pará, ela fez amizade com o lavrador Sinvaldo Gomes — um dos amigos de seu irmão na época da guerrilha. “Ele está me ajudando a reconstituir a história”, diz.

Na sexta-feira, peritos argentinos poderão escavar um novo local no terreno do DNER. Acredita-se que ali existe um túnel, no qual estariam os restos mortais Divino e de outros guerrilheiros.

PEDIDO SERÁ
LEVADO AO
MINISTRO DA
EDUCAÇÃO